

## Apresentação

Cecília Sardenberg

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FREITAS, MCS. *Agonia da fome* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Salvador: EDUFBA, 2003. 281 p. ISBN 85-8906-004-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Apresentação

Antes de mais nada, uma palavra de cautela aos leitores deste livro: apertem os cintos e preparem o seu coração. As coisas que Maria do Carmo Soares de Freitas tem para contar sobre a vivência e os significados da fome, nas páginas que se seguem, vão tocar-lhes profundamente. Garanto que ninguém sairá ileso.

De fato, desde quando apresentado pela autora como Tese de Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, este livro já prometia causar impacto. Eu, pelo menos, confesso: foi impossível debruçar-me sobre ele com o distanciamento que se impõe a um membro de uma banca de tese. E, ressaltado, não porque sou amiga de Maria do Carmo há muitos anos, mas devido ao misto de emoções que a leitura das narrativas dos seus personagens provoca. Indignação, revolta, culpa, vergonha, tristeza, raiva – tudo isso e muito mais senti ao enveredar, através das mãos e sobretudo da sensibilidade de Maria do Carmo, pelas ruelas do bairro e conhecer sua gente, a violência do dia-a-dia que a cerca, o espectro da fome que ronda a sua porta.

Conhecendo, porém, a autora como a conheço, estou certa de que um dos principais objetivos do seu trabalho (ainda que não explícito), é de fato nos tocar bem no fundo, da mesma forma que, bem sei, ela própria foi tocada ao se embrenhar nesse estudo sobre a fome. Nesse ponto, portanto, não há dúvidas: a autora atingiu seu objetivo. Trata-se, com certeza, de um trabalho que causará um grande impacto no leitor brasileiro, e justamente porque Maria do Carmo não nos fala de uma fome resultante de desastres naturais ou de conflitos e guerras que acontecem longe daqui. O que mais arrepiamos os cabelos é saber da miséria da fome cotidiana que tem lugar aqui mesmo em Salvador e sobre a qual, não há como negar, todos nós temos uma parcela de culpa como

membros de uma sociedade que se mantém impassível diante dessa tragédia nacional (afinal, que país é este?...).

Para além de um trabalho de simples denúncia, entretanto, este livro é certamente uma importante contribuição à análise sociocultural do fenômeno da fome no país. No particular, trata-se de um trabalho pioneiro no que tange à fenomenologia da fome, e onde se descortinam, minuciosamente, os diferentes significados que são atribuídos à fome por aqueles que vivem suas vidas sob a constante ameaça de não ter o seu “pão nosso de cada dia.”

Este é, de fato, o argumento central da autora, isto é, que a fome crônica não se manifesta apenas como um ‘problema social’ ou bio-médico. Trata-se também de um fenômeno de ordem sociocultural, na medida em que lhe são atribuídos significados próprios, construídos socialmente dentro de uma determinada ordem prático-simbólica que se esboça “no mundo cotidiano dos que sobrevivem sem esperança de conquistar sua cidadania, e que, por essa razão, não escolhem os modos de vida, mas tentam interpretá-los em suas próprias visões de mundo”.

Essa tese é formulada a partir de pesquisa de campo desenvolvida pela autora durante quase oito meses, período em que passava dias no bairro entrevistando e observando membros de diferentes unidades domésticas daquele bairro. Tarefa essa que implicava em sérios riscos até mesmo de vida para Maria do Carmo, vez que o Péla é hoje conhecido como um dos principais ninhos do tráfico de drogas de Salvador. Há cerca de uma década, entretanto, o Péla ainda se destacava como um dos bairros mais aguerridos na luta pela cidadania dentro do movimento popular de Salvador. Foi quando a autora primeiro travou conhecimento com o bairro e lá desenvolveu atividades de extensão enquanto Professora da Escola de Nutrição da UFBA, o que lhe permitiu, uma década mais tarde, penetrar no universo descrito nas páginas que se seguem.

Para melhor analisá-lo, a autora traça primeiro um breve histórico do fenômeno da fome, argumentando que “a fome crônica das populações é uma produção definida por processos de exclusão social e revela-se em cada contexto de dominação política e econômica”. Para Maria do Carmo, “trata-se de um fenômeno que surge nas relações entre os homens, há milhares de anos, com a formação das sociedades de classe”, e que é parte da realidade das sociedades capitalistas contemporâneas, manifestando-se, porém, em maior intensidade e amplitude nos países pobres, da chamada ‘periferia’ do sistema capitalista mundial.

Embora o Brasil não seja mais considerado um ‘país pobre’, infelizmente, ainda figura dentre aqueles com os maiores índices de pobreza e de famintos. E é sobretudo nos estados do Nordeste (‘na periferia da periferia’), a Bahia dentre eles, que se concentram os maiores segmentos da população pobre e faminta. Como a autora bem aponta, não se trata de uma situação resultante apenas do problema da seca, isto é, de um problema dito ‘natural’, mas sim das sucessivas políticas econômicas, federais, regionais e locais que privilegiam uma estrutura concentradora de renda e que reproduz a exclusão social e, assim, um grande exército de famintos crônicos em terras norte-nordestinas. O que, sem dúvida, torna relevante um estudo sobre os efeitos socioculturais desse fenômeno de massa na região.

Para tanto, argumenta a autora, as perspectivas da fenomenologia e da hermenêutica apresentam-se como a abordagem mais adequada. É o que ela nos propõe a partir de uma revisão crítica das concepções teóricas sobre a fome, na qual um espaço especial é reservado a Josué de Castro, o primeiro autor brasileiro a se debruçar sobre o estudo da fome no país. Ressalta Maria do Carmo que as abordagens desenvolvidas na dimensão clínico-patológica, ainda que importantes, não conseguem apreender como a fome é vivenciada e entendida por aqueles que a ex-

perimentam no seu cotidiano, por gerações. Segundo a autora, a semiologia da fome “recorre a uma complexa associação entre os efeitos do espírito sobre o corpo e vice-versa, sentimentos e aspectos orgânicos que transcendem os sintomas e os sinais descritos na literatura científica”. E, para desatar e entender melhor esse entremeado de significados, faz-se necessária uma perspectiva que permita contextualizá-los, tanto na realidade social quanto na ordem prático-simbólica em que são construídos. Daí porque, defende a autora, a relevância de um estudo etnográfico e dos aportes interpretativos e analíticos oferecidos pela abordagem fenomenológica.

Maria do Carmo nos oferece, então, uma rica ‘etnografia da fome’ no Péla, uma *thick description*, como sugere Geertz, através da qual nos é revelado, e com muita sensibilidade e destreza analítica, o (sub) mundo em que se tecem as histórias de vida, as redes de sociabilidade e a teia de significados profundos em torno do espectro da fome que espreita a população estudada. Este capítulo é, sem sombra de dúvida, a grande *tour de force* do livro de Maria do Carmo e o que nos toca mais profundamente. Sem ele, com certeza, seria impossível para a autora enveredar na trilha analítica oferecida no capítulo seguinte – ‘os significados da fome no cotidiano’ – dedicado ao tema central da tese.

De fato, é aqui que a autora vai destrinchando passo a passo os diferentes e até mesmo os contraditórios significados que a fome assume no contexto em questão, entremeando as falas dos moradores com reflexões sobre a complexa teia em que os significados se tecem. Mostra assim a autora que para os moradores do Péla, que lidam com o medo da fome no seu dia-a-dia, ela é algo que vem de fora, mas que depende também da pessoa, ou melhor, da ausência ou não, de força para combatê-la. A fome não é um simples fantasma, mas um ente que se incorpora nas pessoas – nas crianças, como no caso de Romãozinho. É um ser

‘gandrado’, como a ‘irmã da fome’ – uma mulher cheia de dentes – e que pode bater à porta na calada da noite, para tomar conta do indivíduo, comer-lhe as carnes, impedindo-o de andar e fugir. Tudo isso nos é revelado com destreza por Maria do Carmo, o que torna seu trabalho uma contribuição pioneira e de relevância no campo da fenomenologia da fome no Brasil. Por isso mesmo, estou certa de que este livro não ficará nas prateleiras.

*Cecília Sardenberg*

Professora do Departamento de Antropologia da UFBA